

O DISCURSO DAS FÁBULAS DE FEDRO

Profa. Me.Vivian de Azevedo Garcia Salema (UFRJ)

RESUMO: As fábulas de Fedro são surpreendentemente instigantes, ainda na atualidade, porque tratam de temas universais, focalizando questões que envolvem o próprio homem como um ser social. A análise de três fábulas fedrianas - *Ouis, canis et lupus*; *Leo senex, aper, taurus et asinus*; *Vulpes et ciconia*, mostrará de que modo o fabulista se serve das palavras para difundir ideias e defender princípios morais por meio de discursos que transmitem muito mais do que se depreende numa simples e desatenta leitura.

Palavras-chave: Fedro, fábula, discurso.

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre as seguintes fábulas de Fedro¹: *Ouis, canis et lupus*; *Leo senex, aper, taurus et asinus*; *Vulpes et ciconia*. Propõe-se a realizar uma análise estilístico-literária desses textos, apresentando um breve estudo acerca do discurso. A presente pesquisa tem por objetivo maior realizar interpretações, expor os aspectos estilísticos e literários e explorar os sentidos explícitos e implícitos presentes no discurso das composições estudadas.

Será necessário, *a priori*, expor muito brevemente a respeito das circunstâncias históricas e sociais em que o autor produziu essas composições. Essas observações são consideradas relevantes para esse estudo, uma vez que o discurso, produzido num dado contexto, é moldado ou ajustado, de certa maneira, conforme as estruturas sociais de uma determinada época.

Com a finalidade de facilitar a compreensão desses textos, convém apresentar de antemão algumas informações a respeito desse gênero literário – a fábula - bem como dar a conhecer os dados biográficos de Fedro, cujas produções são objeto de estudo deste trabalho.

A Fábula

A Fábula inclui-se no gênero Narrativo e pode ser considerada uma variante do Conto. Tradicionalmente, conceitua-se como sendo uma narrativa de breve extensão que

¹ Ver bibliografia

se propõe a explicar as atitudes ou situações que se mostram na vida cotidiana, defendendo e difundindo princípios morais.

Em geral, o texto fabulístico apresenta uma característica muito peculiar: seus personagens podem ser animais, plantas e até objetos, aos quais são atribuídas virtudes e/ou vícios humanos. O assunto de que trata, geralmente, está relacionado aos comportamentos humanos e sociais.

Vale observar que não se pode determinar a data exata do seu aparecimento, bem como a região na qual se originou, visto que sua origem se deu na pré-história, quando a escrita ainda não tinha sido inventada. Não obstante, afirma-se que esse tipo de narrativa se sistematizou em terras helênicas, sendo Esopo o seu maior representante. Inicialmente, sabe-se que a fábula - considerada uma das primeiras manifestações literárias narrativas - era transmitida oralmente para as pessoas adultas com o propósito de instruí-las.

Seu maior intuito era instruir e entreter o povo, abrangendo assuntos ligados aos comportamentos do homem em sociedade. Desta forma, sua estrutura textual e o seu vocabulário também deveriam condizer com a situação sócio-cultural desse público.

Assim, constando de uma estrutura textual de fácil compreensão e de um vocabulário popular e mais habitual, considerava-se a fábula um gênero de menor prestígio, em relação a outros tipos de composição. A épica e a lírica, por exemplo, apresentavam assuntos mais elevados e, portanto, dispunham de uma linguagem mais complexa e apurada.

Fedro

Apresentar-se-ão agora as informações a respeito de Fedro, que embora sejam escassas, são de grande valia para esta pesquisa. Sabe-se que *L. Gaius Julius Phaedrus* ou *Phaeder* foi um escravo de origem trácia que se tornou liberto pela família de Augusto, ao chegar a Roma. Escreveu cinco livros, totalizando aproximadamente cem composições que foram publicadas na era de Tibério e Calígula. É provável que Fedro tenha escrito ainda um apêndice com trinta e duas fábulas. As suas composições constam de fábulas propriamente ditas, de algumas pequenas histórias acerca de alguns personagens como Esopo e Sócrates e de textos de defesa contra difamadores.

As fábulas de Fedro são baseadas nas de Esopo – conhecido escritor de fábulas gregas que viveu em meados do século VI a.C. A métrica está estruturada por versos iâmbicos senários e o seu texto tem por intuito a instrução e o divertimento. Esses

textos, em geral, tratam das injustiças e das mazelas da sociedade, revelando atitudes e comportamentos de pessoas que se sentem oprimidas naquele contexto histórico-político-social da era de Tibério e Calígula.

Conta-se que Fedro foi acusado por Sejano de fazer alusões maldosas, em seus textos, a pessoas conhecidas no âmbito político no tempo de Tibério, acarretando a prisão do fabulista. Morreu durante o reinado de Cláudio, por volta de 44 d.C.

O quadro que se delineava em Roma na época em que Fedro publicou suas fábulas, provavelmente, durante os reinados de Tibério (14 – 37 d.C.) e Calígula (37 – 41 d.C.) era de crise e hostilidades. Isto implicaria afirmar que o contexto político em que Fedro produziu seus escritos não era propício para manifestações artísticas com críticas mais severas e diretas da sociedade em questão.

Discurso

Como dito anteriormente, o intuito desta pesquisa não é somente analisar as fábulas no âmbito estilístico-literário, mas também no discursivo. Portanto, faz-se necessário apresentar antecipadamente alguns conceitos a respeito da questão discursiva.

Antes de tudo, julga-se necessário apontar que o estudo do discurso é muito complexo, porque o seu entendimento vai muito além do nível lingüístico. É produzido por meio da linguagem, num determinado contexto histórico, no seio da sociedade. Contudo, para se realizar uma observação acerca do discurso, é profícuo visualizar além das estruturas lingüísticas.

O discurso é uma prática social, um meio através do qual o homem representa e transforma o mundo. Está diretamente relacionado à estrutura social, contribuindo para o estabelecimento das relações sociais.

É interessante observar que os discursos nunca são únicos ou originais, pois eles estão sempre em diálogo com outros discursos. Não há uma origem, uma fonte. Isto é, a formação de um discurso se dá por meio de vários outros discursos, que se dispersam no tempo e no espaço.

A palavra *discursus* em latim significa a ação de correr por várias partes; para diferentes lados. Daí entende-se o seu verdadeiro sentido, de que o discurso está sempre em movimento, remetendo-se a outros discursos.

Para compreender o sentido do discurso, é preciso entender a linguagem, que se dá através da interação social, como sendo algo que vai além da simples comunicação. A linguagem é muito poderosa, pois ela também tem significado na não comunicação. Desta forma, a análise da linguagem não pode estar afastada do contexto social que a produz. Isto quer dizer que o discurso só pode ser entendido e ou interpretado quando for contextualizado. Ou seja, o seu sentido se constitui e se constrói socialmente.

A própria estrutura social, através de regras, normas e convenções, “molda” os discursos, controlando-os para que estes se ajustem conforme as “conveniências” da própria sociedade. Nesse sentido, cabe dizer que os saberes são produzidos e selecionados pelo poder ou pela classe dominante.

A partir dessas informações, é conveniente acrescentar que a leitura ou a interpretação que se faz nos dias atuais desses textos latinos, distancia-se, de certo modo, daquela realizada na sociedade romana da antiguidade. Isso significa afirmar que a interpretação de um dado discurso é realizada conforme o contexto histórico, cultural, político e social de uma determinada sociedade.

FÁBULAS DE FEDRO² E ANÁLISE ESTILÍSTICO-LITERÁRIO-DISCURSIVA.

Ovis, canis et lupus

Solent mendaces luere poenas malefici.

Calumniator ab oue cum peteret canis

Quem commendasse panem ei se contenderet,

Lupus citatus testis non unum modo

Deberi dixit, uerum affirmavit decem. 5

Ovis damnata falso testimonio

Quod non debebat, soluit. Post paucos dies

Bidens iacentem in fouea conspexit lupum:

“Haec” inquit “merces fraudis a superis datur”.

A ovelha, o cão e o lobo

Os mentirosos costumam sofrer castigos do malefício (que fazem).

² A tradução destas fábulas foi realizada a partir do texto latino em **FEDRO**, *Algumas fábulas de Fedro*. 3ª edição. Trad. Sousa da Silveira. Livraria AGIR editora. Rio de Janeiro, 1948.

Como o cão caluniador que reclamasse da ovelha um pão que ele afirmou tê-la confiado; o lobo, citado como testemunha, não só disse que um era devido, como também afirmou que dez eram devidos.

A ovelha condenada por falso testemunho pagou o que não devia. Depois de poucos dias, a ovelha avistou o lobo que estava estendido num fosso: “Esta” diz “é dada pelos deuses celestes como punição da fraude”.

Análise

Em *Ouis, canis et lupus* desenvolve-se uma temática cujo principal propósito é o de advertir ao leitor: o homem mentiroso que causa prejuízo a outrem não vive impunemente.

A ovelha, o cão e o lobo são os personagens que exprimem simbolicamente o homem em sociedade, com as suas virtudes e com os seus vícios. Estes são caracterizados a partir de suas condutas, que podem ser julgadas como boas ou más, justas ou injustas.

O verso *Solent mendaces luere poenas malefici* (v.1) que inicia a fábula tem por função apresentar um conceito moral, formado por convenção pela própria sociedade. Esse conceito de caráter popular é também admitido numa dimensão universal, uma vez que se trata de julgamentos a respeito do comportamento humano.

O primeiro verso desta fábula afirma que aqueles que têm por hábito mentir causando infortúnios para outras pessoas são frequentemente punidos. A historieta que se segue tenciona elucidar o conceito moral já exposto.

Segundo essa narrativa, um cão reclamou um pão que afirmou ter confiado a uma ovelha. Aponta-se para o uso de *calumniator* no início do verso 2 qualificando o nominativo *canis*, de modo que já informa ao leitor que o cão é um caluniador e faz falsa acusação.

Importa atentar para o alimento reivindicado pelo embusteiro: o pão. Esse alimento não é próprio para o cão, por este ser carnívoro. O pão, na verdade, serve de alimento para os seres humanos. A explicação para o uso do pão como um alimento pode ser dada pela intenção da fábula, que está voltada para o homem. Embora os personagens não sejam humanos, seus pensamentos e suas vontades são essencialmente relativos ao homem.

A ovelha, por sua vez, representa o ser submisso, que sofre injustamente devido aos interesses de outrem. Em toda a fábula, não há um termo exclusivamente adjetivo que qualifique esse animal. Pela tradição, sabe-se que a ovelha é um símbolo da

fragilidade e da subjugação e, portanto, representa o homem que vive subjugado e oprimido – que se encontra num nível inferior na sociedade.

Atualmente, na esfera religiosa cristã, a ovelha encerra na sua representação a imagem de um ser que necessita de guia, de proteção e de ajuda. Essa figura simbolizaria o próprio homem, com suas limitações e debilidades, que necessitaria do Pastor (guiador das ovelhas), que simbolizaria Cristo.

O lobo é uma figura muito frequente nas fábulas e simboliza o poder, a maldade, a voracidade. Nesta narrativa, o lobo é chamado para validar uma declaração caluniosa do cão. Mostrando o seu irrefutável poder, o lobo não só revalidou a mentira artificiosa do cão, como também imputou culpa maior à ovelha.

Convém ainda observar que ao lobo não há referência alguma que o qualifique como mau ou ardiloso, uma vez que o comportamento do próprio animal já revela o seu caráter.

Injustamente, a ovelha deu o que não devia: *Ovis damnata falso testimonio / Quod non debebat, soluit.*(v.6-7) O vocábulo *damnata* que está ligado ao nominativo *Ovis* é formado a partir do substantivo neutro *damnum* que significa prejuízo, dano. Isto é, a ovelha sofreu dano por causa do falso depoimento do lobo. O termo *damnata* é a única referência qualificativa da ovelha em toda narrativa.

É profícuo assinalar que há uma relação antitética entre a ovelha e o lobo, isto é, são duas figuras que estão em total oposição. A ovelha representa a fragilidade e a submissão, o lobo, por seu turno, simboliza a força e o poder. Nesta fábula, o lobo subjuga a ovelha, de modo que a obriga a pagar injustamente.

Em *...Post paucos dies / Bidens iacentem in fouea conspexit lupum: / ‘Haec’ inquit ‘merces fraudis a superis datur’.*(v.7-9), revela-se o desfecho da história. A ovelha avistou o lobo, que estava preso numa vala profunda. Nesse episódio, invertem-se os papéis, pois o lobo, que representava a força e o poder, agora está numa condição de inferioridade em relação à ovelha.

A própria imagem que esse trecho produz é reveladora: o lobo, além de estar *in fouea*, ou seja, num buraco, ele está deitado. O termo *iacens* que está no participípio presente, introduzindo uma oração relativa, revela que o lobo está efetivamente numa situação de subalternidade. O verbo *jacere* significa estar numa posição de quem jaz, ou seja, estar deitado.

A ovelha, por sua vez, está numa condição superior. Ela não só avistou o lobo de cima, como também justificou o lamentável estado daquele animal. A ovelha oportunamente demonstra que o lobo foi punido pelos deuses por causa da fraude cometida.

O discurso que se encerra nas palavras da ovelha é o de que existe uma força maior que sobrepuja todas as outras: a força divina. Em outras palavras, o poder divino é maior do que o poder do homem. Este discurso também foi estabelecido por meio de convenção no âmbito religioso.

Ressalte-se ainda que a fala da ovelha é destacada em toda a narrativa, sobressaindo-se em relação à fala dos outros personagens. O recurso cuja função é conferir maior credibilidade à declaração da ovelha é utilizado somente no final da historieta. O discurso direto, além de conferir maior destaque às palavras, produz um efeito de veracidade, conforme se vê em: *'Haec' inquit 'merces fraudis a superis datur'* (v.9).

A frase final desta fábula também encerra um discurso estabelecido por convenção pela sociedade. Em outras palavras, para toda causa há um efeito. Se o lobo causou mal a outrem, ele receberá o efeito que também será negativo. Como se, no final, a justiça fosse estabelecida.

Leo senex, aper, taurus et asinus

Quicumque amisit dignitatem pristinam,

Ignavis etiam iocus est in casu graui.

Defectus annis et desertus uiribus

Leo cum iaceret spiritum extremum trahens,

Aper fulmineis uenit ad eum dentibus 5

Et uindicauit ictu ueterem iniuriam.

Infestis taurus mox confodit cornibus

Hostile corpus. Asinus, ut uidit ferum

Impune laedi, calcibus frontem extudit.

At ille expirans: "Fortis indigne tuli 10

Mihi insultare; te, naturae dedecus,

Quod ferre in morte cogor, bis uideor mori".

O leão velho, o javali, o touro e o burro

Todo aquele que perdeu a dignidade primitiva é galhofa, em uma ocasião penosa, até para os covardes. Como um leão, enfraquecido pelos anos e abandonado pelas forças, jazesse trazendo o último suspiro; o javali, com dentes impetuosos, chegou até aquele e vingou uma injúria do passado com um golpe. Pouco tempo depois, o touro traspassou com chifres hostis o corpo do inimigo. Quando o burro viu o animal ser ferido impunemente, fez sair a frente com os calcanhares.

Por outro lado, aquele morrendo: “Suportei com indignação os fortes me maltratarem; a ti, ó infâmia da natureza, sou obrigado a tolerar, pareço morrer duas vezes.”

Análise

Nesta fábula, o discurso moral é apresentado nos dois primeiros versos: *Quicumque amisit dignitatem pristinam, / Ignavis etiam iocus est in casu graui.* (v.1-2). Entende-se que todo aquele que perdeu a sua antiga dignidade é motivo de escárnio, em ocasiões difíceis, até para os covardes. O conceito de *dignitatem pristinam* está relacionado à questão do poder. Isto é, aquele que perde o seu poder – ou a sua força – de outrora, quando está numa ocasião penosa, é ludibriado até pelos covardes.

Esta fábula narra a história de um leão - de idade avançada, débil e sem vigor – que é maltratado respectivamente pelo javali, pelo touro e pelo burro. Estes animais se aproveitam da debilidade do leão para atacá-lo, por isso são considerados *ignavi*. O ablativo *in casu graui* refere-se à velhice.

O leão, que é o símbolo da força e da soberania - comumente chamado de rei da selva – é impunemente atacado pelos outros animais. O animal moribundo sente-se ofendido por ser violentado por aqueles cuja força é consideravelmente inferior à sua própria.

O javali atacou o leão devido a uma injustiça que este havia cometido contra aquele no passado. Atente-se para o uso do ablativo de instrumento, em relevo: *Aper fulmineis uenit ad eum dentibus* (v.5). Isto é, o javali investiu contra o leão, servindo-se de seus violentos dentes. O termo avaliativo *fulmineis* refere-se à juventude e à força do javali, que se contrapõem à velhice e à fraqueza do leão.

Logo em seguida, o touro feriu o corpo do leão com seus cruéis chifres. Nota-se, novamente, o uso do ablativo de instrumento: *Infestis taurus mox confodit cornibus* (v.7). Observa-se que o uso do tal ablativo torna mais intenso a agressividade dos animais.

O burro foi o próximo a se voltar contra o animal ferido, golpeando a cabeça deste com os seus calcanhares. O vocábulo *calcibus*, presente no verso 9, também funciona como adjunto adverbial de instrumento, no caso ablativo.

É interessante observar que o javali, o touro e o burro se servem da parte mais “importante”³ de seus corpos para atacar o leão. O primeiro se utiliza dos fortes dentes, o segundo, dos chifres hostis e o terceiro, por fim, se serve dos calcanhares.

Nota-se ainda que o burro habitualmente faz uso dos calcanhares para fugir dos predadores que se alimentam de sua carne. Nesta ocasião, representada na fábula, os calcanhares do animal são usados para ferir aquele, de quem o burro, com efeito, deveria correr.

É conveniente acrescentar que há uma nítida relação antitética entre o leão e os outros animais. Em oposição à juventude do javali, do touro e do burro, está a velhice do leão. Enquanto este se mostra inábil devido à idade avançada, aqueles, ao contrário, revelam todo vigor, próprio da juventude.

Por fim, em *At ille expirans: ‘Fortis indigne tuli / Mihi insultare; te, naturae dedecus, / Quod ferre in morte cogor, bis uideor mori’*. (v.10-12), o animal moribundo exprime um sentimento de humilhação. Ele qualifica o javali e o touro de *fortis*, por serem considerados animais muito robustos e poderosos. Por outro lado, o burro é chamado de *naturae dedecus*, pela sua fraqueza e incapacidade.

A expressão *bis uideor mori* evidencia pesar e indignação por parte do leão. Além de o animal ter de enfrentar a inevitável morte, que está próxima, tem de suportar o ato insultuoso de um burro. A primeira morte se refere à morte natural e a segunda à morte ocasionada pela indignação.

O discurso moral que se constata nesta narrativa está relacionado à transitoriedade do poder e da força. No caso do leão, a velhice, que é algo natural, motivou a perda da sua soberania e sua autoridade. Da mesma forma, o homem que chega ao crepúsculo da vida pode perder a sua autoridade. Além da perda de seu “poder”, pode ser objeto de mofa.

Vulpes et ciconia

Nulli nocendumst, siquis uero laeserit,

Multandum simili iure fabella admonet.

³ Entende-se “importante” como a parte do corpo que é mais forte e, portanto, principal característica do animal.

Vulpes ad cenam dicitur ciconiam
Prior inuitasse, et leui liquidam in marmore
Posuisse sorbitionem, quam nullo modo 5
Gustare esuriens potuerit ciconia.
Quae uulpem cum reuocasset, intrito cibo
Plenam lagonam posuit; huic rostrum inserens
Satiatur ipsa et torquet conuiuam fame.
Quae cum lagonae collum frustra lamberet, 10
Peregrinam sic locutam uolucrum accepimus:
“Sua quisque exempla debet aequo animo pati”.

A raposa e a cegonha

A ninguém se deve prejudicar. Se alguém de fato fizer mal (a outro), a fábula adverte que este deve ser punido com igual direito.

Diz-se que a raposa teria convidado primeiro a cegonha para jantar e servido num mármore liso um caldo líquido, o qual de modo nenhum a cegonha esfomeada poderia provar.

Como esta, por sua vez, convidasse a raposa, pôs uma bilha de barro cheia de comida moída. Inserindo nesta o bico, a própria se sacia e tortura a conviva com a fome. Esta, como lambesse inutilmente o gargalo da garrafa, entendemos que a alada peregrina tenha falado assim: “Cada um deve suportar com resignação os seus exemplos”.

Análise

Nesta pequena história, o discurso moral vem exposto nos dois primeiros versos. Nestes, fica evidente o intento deste tipo de composição: *fabella admonet*. Esta fábula mostra que todo aquele que causa danos a outrem deve ser castigado da mesma forma.

Nesta narração, conta-se que a raposa convidou a cegonha para jantar e serviu num prato raso uma comida líquida, de modo que a ave não poderia alimentar-se. Em seguida, a cegonha chamou a raposa para um jantar. Por sua vez, serviu uma comida triturada numa garrafa e, satisfazendo-se da iguaria, fez com que a convidada faminta não pudesse aproveitar.

Novamente, percebe-se que a questão do poder vem implícita. Embora as duas personagens apresentem características distintas e sejam opostas quanto ao gênero e à

espécie, não se contrapõem em relação à força ou ao poder. Isto se confirma devido ao revide da ave, em resposta à maldade praticada pela raposa.

Convém afirmar que a raposa, muito constante nas fábulas fedrianas, simboliza a astúcia e a esperteza. Nestes versos, percebe-se que a figura da raposa remete à maldade, e a da cegonha, à bondade. Constatamos que os dois animais ficaram em pé de igualdade em relação à força e ao poder, uma vez que foi lícito à cegonha revidar o mal causado pela raposa.

A frase que vem ao final da história ratifica e sintetiza o conceito moral exposto no início, por isso, tem caráter doutrinário e funciona como uma máxima. Em *Sua quisque exempla debet aequo animo pati* (v.12), o sintagma *sua exempla* refere-se ao comportamento injusto e maldoso da raposa. Entende-se que aquele que causa danos a outrem deve ser prejudicado na mesma proporção. O uso do discurso direto serve para destacar a frase, colocando-a numa posição de verdade absoluta e irrefutável.

Sobre o Discurso

A partir da análise destas fábulas, constatamos que há um discurso, que se oculta sob a aparência das alegorias e dos símbolos, predominantemente de caráter moral e social.

Como dito anteriormente, o propósito desta pesquisa é o estudo das fábulas e do seu discurso – que se oculta sob a aparência das alegorias. Uma questão bastante ressaltada nas fábulas é a relação bem/mal ou certo/errado ou justo/injusto, na qual se envolve o poder. A questão social está implicitamente colocada. Sendo que o bem deve ser exaltado e o mal rechaçado.

Sob uma aparência amena, aprazível e encantadora - que é o mundo das fábulas, Fedro transmite seus valores e pensamentos a respeito da comunidade de que faz parte. Isto quer dizer que as fábulas são produzidas a partir de uma visão que tende a transmitir valores e julgamentos que fazem parte da cultura de certa sociedade.

Observamos que nessas fábulas se fazem presentes diversas ideologias que são transmitidas ao leitor de maneira simples, natural e de fácil aceitação. Portanto, não é um equívoco dizer que essas produções estão impregnadas de ideologias, que são facilmente absorvidas pelo leitor.

Interessa apontar ainda para a linguagem presente nestes textos, que se caracteriza pelo vocabulário simples e coloquial. Isto comprova que o público-alvo era

justamente a gente das classes inferiores, que possuía menos instrução. Mas isso não impede a afirmação de que as pessoas de nível social mais elevado também liam esse tipo de composição. Por ser um texto dirigido ao povo, de caráter essencialmente popular, sua forma é simples e breve.

O objetivo dessas fábulas seria o de mostrar e criticar as relações entre os homens na sociedade, ressaltando sempre a existência de dois pólos, que se contrapõem na vida social. O uso de seres irracionais (ou de qualquer forma inanimada) como personagens principais seria uma maneira mais amena e delicada de retratar a realidade social, bem como expor o ser humano em sua essência, sem acarretar danos maiores ao próprio escritor. Isto é, esses animais, em sua maioria, representariam os homens na sociedade com as suas várias imperfeições.

CONCLUSÃO

A partir do exposto, conclui-se que as fábulas não podem ser vistas apenas como simples textos que têm por única finalidade a instrução moral. Na verdade, elas revelam discursos que fazem parte do senso comum de uma determinada comunidade. Estes discursos podem transmitir julgamentos, valores, pensamentos, ideologias, conhecimentos, visão de mundo e até mesmo questionamentos.

A dicotomia bem *versus* mal, que é principal matéria das fábulas fedrianas, é um exemplo de discurso incutido em toda e qualquer esfera social, desde tempos remotos. Desta forma, julga-se necessário dizer que as fábulas de Fedro apresentam, em sua essência, diversos discursos de caráter sócio-ideológico que estão infundidos, quase que universalmente, em toda sociedade.

BIBLIOGRAFIA

FEDRO, *Algumas fábulas de Fedro*. 3ª edição. Trad. Sousa da Silveira. Livraria AGIR editora. Rio de Janeiro, 1948.

PHÈDRE. *Fables – texte établi par Alice Brenot*. PARIS Societè d’èdition “Les belles lettres”, 1923.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1991.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. De Manuel Rosa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de Literatura clássica: grega e latina*. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 1998.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.